

FOME HUMANA: A PROXIMIDADE NO INDIVIDUALISMO DE MASSAS¹

¹ Este é um fragmento do livro de Constanza Michelson “Hacer la noche: insomnio, arritmia y otros modos de existencia”. Editorial Paidós, Marco 2022.

Constanza Michelson¹

“O que salva é a olheada”

Simone Weil

¹ Psicanalista e escritora. Tem colaborado em varios meios, The Clinic, New York Times em espanhol e Huffington Post entre outros. Autora de “50 Sombras de Freud”, “Neurotic@s”, “Hasta que valga la pena vivir” y “Hacer la noche”, este último a ser publicado. Membro coletivo “Coloquio de perros”. constanzamichelson@gmail.com

Quando você não sente nada, tente pensar em uma ocasião em que você recebeu amor sem reservas.

A meditação da mãe é uma ideia budista que levou por um tempo a artista Laurie Anderson a procurar essa imagem em sua cabeça.

E ela lembrou.

Um dia, ainda criança, ela sofreu um duplo acidente. Ela estava passeando com seus irmãos menores sobre um lago congelado, o gelo rachou e as crianças caíram na água fria ainda apertados ao carrinho. Laurie pulou na água, conseguiu desamarrear os gêmeos e, o melhor que pôde, pegou-os, mas o carro afundou. “Minha mãe vai me matar”, pensou. Mas ocorreu um segundo acidente. A mãe fez algo inesperado, ela ouviu e disse: você é uma boa mergulhadora.

Foi nesse momento que ela se salvou de se afogar. Ela se sentiu amada de maneira incondicional, ali mesmo onde a mãe deixou o roteiro, ela lhe dá uma palavra, que tira essa qualidade de alguns gestos minúsculos capazes de mover o mundo. “Divining” foi justamente o título que deu inicialmente ao filme *Heart of a dog*, no qual conta essa história.

O amor incondicional tem má fama, mas se o ansiamos, mesmo sem saber, tantas vezes desfigurado em exigências e reivindicações, é porque é o alimento da fome humana.

Acho que confundimos as dependências mais patéticas com o amor incondicional; aquelas dependências que tornam alguém algo sem atributos que exige tudo de outro, a quem se arrogam todos os atributos desejáveis. Mas o amor incondicional pode nomear outra coisa: uma suspensão da própria potência para acomodar outro além de seus atributos, ele é amado sem qualidades. É por isso que o amor incondicional tem uma solidariedade com a hospitalidade. Dar lugar, não por preceito moral, não pelo que o outro é.

Dizem que a hospitalidade foi “o primeiro ato político”, baseado na precariedade dos primeiros povos nômades: hoje para mim, amanhã para você. O amor nasce também da precariedade existencial, da necessidade de ser “acomodados”, dada a fragilidade que nos constitui. Desde o início procuramos a atenção, a olhada, as carícias como primeiro alimento psíquico.

Tanto a hospitalidade quanto o amor requerem uma certa suspensão de sentido. Qualquer um sabe que aquelas relações em que, unilateralmente ou não, partem com regras (tradicionais ou modernas), e é estabelecido de antemão sobre o que tratará o encontro, dificultam que algo aconteça, no sentido de um acontecimento. Antes do nascimento de um mundo, temos com sorte um contrato. Uma relação, qualquer que seja o nome, não garante proximidade.

O amor como hospitalidade nasce da precariedade originária. O amor é originalmente a experiência do deserto.

O primeiro é grito. Nascemos na vida orgânica, mas só nascemos no mundo humano quando o grito daquele primeiro animal indefeso e ameaçado é traduzido por outro como um chamado.

Grito, chamada, oração são os movimentos existenciais que pulsarão ao longo da vida. Sejam crentes ou ateus, a oração é o gesto de fé na existência do outro em mim.

A vida humana não é somente uma necessidade instintiva, mas um requerimento de outro; seu reconhecimento dá sentido, não uma direção, mas um sentido de viver. A fome fisiológica da vida nua é rapidamente superada por outro tipo de desejo: a busca de reconhecimento e atenção. A comida, depois o resto dos objetos da nossa vida, são desdobrados: são objetos de satisfação e um sinal de confirmação existencial. Então o que começa a importar para nós é como esses objetos são envolvidos, como são dados.

As formas são o fundo. Precisamente o que hoje está empobrecido.

O trabalhador tem *mais a necessidade* de respeito que do pão. O respeito é uma forma de dizer a fome humana.

Às vezes pensamos que vamos buscar pão, mas dói a falta de olhada (ou de escuta). Então dizemos que as formas importam - embora sejam as formas as que hoje são mais desvalorizadas - sempre nos ressentimos com elas. A gente fala: assim não, não quero resposta, quero atenção.

Sentimento de vida

Na infância, a ênfase está no “olhe para mim, olhe para mim, ouça-me”, e Mãe é o nome não só de quem cuida primeiro, mas também de quem dá a primeira olhada formativa, dá forma ao corpo. Antes, existe o terror do desamparo, o corpo fragmentado da angústia: suas palavras são luz, disse uma menina a sua mãe para que falara com ela quando fosse colocá-la na cama na *escuridão*; história que Freud nos contou. As palavras como luz, não deslumbram, o amor incondicional, quando pertence à memória do deserto, não subjuga, nem na sua exigência nem na sua resposta, não procura o oceano - isto é, fazer Dois Um - mas dá uma pista para mergulhar.

O sentimento de vida é um vestígio dos tempos primordiais do psiquismo. A resposta ao grito humaniza, transforma a tensão corporal que fragmenta, em demanda. Aliás, tal papel não é o da mãe patriarcal, ou seja, aquela que tem algo a dar pelo simples fato de ser progenitor. Uma mãe que dá o que tinha que ser dado não transmite necessariamente um sentimento de vida¹¹.

A função materna que “hospeda” é até uma surpresa para quem encarna o papel. A mãe é obrigada a uma abertura, com a qual pode ou não consentir: não se pode apressar a chegada de um filho, nem controlar como será, pelo menos por enquanto. Uma mãe entende rapidamente, pode aceitar-o ou não, que a maternidade não é sobre algo próprio. E se houve-

11 M, Recalcati: “Las manos de la madre”.
Ed. Anagrama, Barcelona, 2018.

ra consentimento para a abertura, o que acontece então é o nascimento de um novo mundo; o amor, como um mundo, são coisas que acontecem entre pessoas. O que é dado então, é o que não é tido. Nesse sentido, é um amor ético, um para um, não um amor abstrato e moral.

De alguma forma, cada amor trará à mente o anseio desse amor: que um amor seja novo, não apenas outro amor, não qualquer um, não ser ninguém para o outro. O amor maternal é aquele que distingue, não ama uma criança abstratamente, mas uma criança real, com cada um de seus detalhes, seu corpo, seu cheiro, seus gestos. Não se ama aos filhos, mas se ama cada filho, um por um. E aquela olhada que singulariza, transforma aquela carne em corpo, torna alguém único, insubstituível.

Responder ao grito, conferindo-lhe a dignidade de chamada, salva do absurdo da chegada ao mundo, levanta-nos do mais cru da nossa existência material, como disse Sartre: Da justificação ao ser². Olhada, escuta, respeito, reconhecimento são todos nomes que esta exigência pode assumir na vida, que podemos procurá-la nos outros, mas também podemos encontrar sentido na reserva de amor na nossa memória, bem como nos atos aos quais concedemos uma certa dignidade, as palavras, os rituais, a inspiração, os exercícios espirituais, o cuidado pelas coisas do mundo. Eu penso que, nestas questões, tão críticas no amor, não se fala. É falado a partir da ciência, a política, os contratos e as reivindicações. É falado a partir da linguagem da técnica. E o amor resiste.

E é assim que o amor nos divide (nos começa e nos divide) como uma demanda: pedimos amor. E esse é talvez o problema de fundo de todos os problemas que nos preocupam. Exigir muito; exigir quem não responderá; confundir o que é exigido com o sentimento de que damos mais; não querer exigir nada de ninguém, resolver, ou negar aquele anseio até para si mesmo.

O amor é uma insistência que não acaba. “Ainda” é a expressão que Lacan escolhe para nomear o amor: uma mais, mais, ainda mais amor. O amor pede amor. Porque o amor está além das coisas, nunca se limita a elas, por isso pede além do que existe. É sua virtude, também sua tragédia e risco. É por isso que não se pode pensar que está realmente tratando o amor quando se fala sobre ele como si foram *transações* de valores, fluidos quantificáveis ou contratos.

A palavra de amor a procuramos para sempre, continuamente. No amor, não basta somente um “te amo”, se pede e se pede de novo essa confirmação, como se o próprio amor se fizesse nas palavras que se dão.

O amor nunca é alguma coisa, nunca é o presente, primeiro é o embalagem, o tempo e a dedicação de quem dá. O amor é esse sempre mais, o que nos obriga a dar, então, o que não temos. É tudo. Não tem sentido dizer que se ama pelo que se dá que temos que dar, o que nós temos, o que é calculado, proporcionar isso que temos.

A moral do amor - nas suas formas antigas ou novas - falan do amor, dos seus limites e das suas formas, mas uma moral implica seguir um preceito, é dar o que você tem, o que você deve dar (ou não dar). O problema do amor é que ele pede outra coisa, é uma demanda e resposta a algo que não é algo, então tudo pode sair errado.

Embora, apesar de tudo, às vezes pode sair bem.

Quem não se arrisca a pedir e a assumir essa dívida não pode amar; nem aquele que não está disponível para atender ao chamado de quem, amando, se tornou vulnerável. Se podem querer coisas, signos, slogans, questões que são alguma coisa, mesmo fixar-se nelas com veemência ou compulsão, mas não são amadas, porque essa proximidade não é proximidade, é posse.

A posse é apenas uma forma de evitar a demanda do amor; a outra forma é a indiferença. Em ambos, o que falha é a distância implícita pela proximidade.

Uma distância decisiva

Eu vou primeiro com algumas linhas sobre a indiferença.

Há algo pior do que terror, Wilfred Owen escreveu para sua mãe do frente da batalha. Refere-se à atitude dos soldados que sabem que vão morrer, quando nenhum dos motivos da guerra faz sentido, quando nada mais lhes-fala. "Eles têm uma olhada estranha, uma olhada incompreensível, nem de desespero, nem de terror (...) era algo mais terrível que o terror, porque era uma olhada cega e inexpressiva, como um coelho morto." A expressão mais retumbante da vida nua é o colapso total do sentido. Quando o corpo se torna indiferenciado, não há rosto ou nome que destaque, quando também não existe mais a possibilidade de um novo começo, aí, até a morte torna-se um absurdo, "uma questão sem relação ao ritmo interno".

Pior do que o terror é a indiferença. Essa fórmula, além do extremo da guerra, é também uma questão da vida na cidade.

Existem discursos, formas de vida, mais ou menos semelhantes a sentir nada.

O poeta Germán Carrasco conta uma história chamada "diálogo entre dois estudantes de medicina de uma universidade privada"²³, na qual o protagonista escuta alguns estudantes de medicina em um bar, que falavam cruelmente de seus pacientes, "esses jovens, tomando schops, falavam com nojo e sem sentido sobre saúde, merda, sangue, fluxos abscessos: Teve vontade de dizer a ele: lava-te, velho arrogante". Para os jovens, seus pacientes são vida nua, carne para operar. Longe de uma imoralidade, esse discurso é uma moral, ou seja, uma forma de organizar o mundo, neste caso uma forma de *pensar* os corpos.

Existem diferentes morais cujas práticas são as do tratamento dos corpos em série.

Acredito que a correção política é também uma moral que impõe uma linguagem asséptica e categórica, que nada tem a ver com a olhada ético que a distingue, é possível então, que, apesar das boas intenções conscientes, a cultura do ódio só vá enraizando. Também os novos brinquedos

²³ G, Carrasco: "La mantis en el metro. Apuntes sobre memoria reciente, poéticas y revuelta". Seix barral, Santiago de Chile, 2021.

técnicos estão criando práticas que geram indiferença, o *swipe* de aplicativos de encontro, a aceitação de câmeras desligadas nas aulas e reuniões de zoom, ou a rapidez para ouvir áudios no WhatsApp, fazem um distanciamento que dessensibiliza. É uma distância capaz de comprimir o outro a uma mera mensagem, a uma informação. A perda é o reconhecimento - aquele resquício de amor - que acompanha uma aula, um encontro, uma reunião, um áudio.

O protagonista de Carrasco pensa ao ouvir os jovens médicos: *(mas) alguém amou aquele corpo, fez o amor, recebeu carinho no cabelo, deu vida. Trabalhou, leu, amou seus filhos e netos, se tinham sido tidos*. Se a olhada moral pode operar como um desaprender da compaixão, a olhada ética é aquela que, como nesta história, vê o singular, vê que um corpo é gentil. Nem toda olhada ética é amorosa, mas a olhada amorosa é sempre uma olhada ética. A olhada moral é uma olhada que homogeneiza os corpos, os categoriza, não há passo ao amor envolvido, embora se possa falar de amor: não se ama as rosas, quando se ama, se ama aquela rosa particular que é cuidada e é regada.

Existem práticas que servem justamente ao propósito de homogeneizar para não sentir amor nem responsabilidade: fazer de um corpo, qualquer corpo. Sexo anônimo (como atitude, mesmo em quem dá sua identidade), os encontros nos quais nada se quer saber da história do outro. Encontros, cujo distanciamento, aliás, permite o acesso a outros prazeres, a menos que um dos envolvidos tenha o *desejo de desejo do outro*. E comece a perguntar ¿Tem saudade de mim? Para verificar o que significa no outro, ¿ele sente minha falta?

Não há maneira mais fácil de se tornar um escravo do que dirigir uma demanda a alguém que não está disponível para responder. Por alguma fórmula distorcida do desejo, atribuímos todo o poder àqueles que não respondem a nós, porque pensamos que, se eles não precisam de mim, nada lhes falta. Este é um risco de amor. Uma maneira onde as coisas podem dar erradas.

A outra fonte de angústia em relação ao chamado, é o resultado da resposta que não rejeita, mas sim absorve, seja de forma amorosa, turística ou comercial. A olhada conceitual; ou a fraca empatia que só pode sentir pelo outro sob seus próprios preceitos; o turismo, de todos os tipos, que torna o estranho algo diferente anedótico, algo para tolerar ou fotografar. Um amor simpático. Um amor sem tremor.

Se a rejeição ou obturação da exigência de reconhecimento gera indiferença, (tanto homogeneidade como indolência), a olhada que a engole esmaga toda a alteridade.

A indiferença é um tipo de distância que pode tornar a vida, a vida nua, corpos em série. Enquanto a posse, isto é, fazer tudo um, é uma proximidade sem distância, uma intensidade repetitiva, que não faz um mundo; é uma forma de fazer desaparecer o estranho, de certa forma, o desejo. A proximidade, por outro lado, é uma proximidade justa, uma proximidade que não esmaga. A proximidade é uma distância decisiva

O próximo é a experiência do que chama, preocupa, mas não é possuído. Não é perfeição nem plenitude, mesmo quando proximidade seja confundida com fusão; a proximidade é da ordem da experiência na intempérie, não de qualquer paraíso. Na intempérie há afetação infinita, mistério e desejo. Às vezes, há umidade no deserto. O amor pode ser localizado nessa experiência.

A proximidade é uma luz na noite. Essa é a sua qualidade exata. Existem amores de luz branca, outros de pura escuridão, os amores que estão próximos, são uma vela no bosque.

A olhada de proximidade é ética e implica uma distância respeitosa, não por imposição moral, mas porque antes colapsa a alteridade, responde com a distância que constitui o aproximar-se do que não é próprio. É a distância do respeito, mas ao mesmo tempo uma proximidade que alcança o que parece importante.

Prestar atenção, dar tempo, podem ser formas de dar o que não se tem: porque nelas o que é dado é o ser. Não amamos tudo sobre o que prestamos atenção, mas o que amamos, tínhamos prestado atenção. Gabriela Mistral em seu escrito sobre o sentido religioso da vida⁶, disse que a frivolidade “é tocar a crosta das coisas e dos seres e não deixar a olhada extensamente em eles”. Pelo contrário, se se olha com rigor, aparece nas coisas “a lembrança constante da presença da alma”. A poeta afirmava que o bom professor é aquele que transmite que uma flor não é apenas uma flor, nem uma montanha uma montanha, isso é apenas informação. Porque ensinar também é solidário com o eros.

E agrega algo mais sobre essa forma de ver, que é chamada religiosidade: religiosidade é sentir intensamente a responsabilidade pelas próprias ações. Só aquilo o nos prestamos suficiente atenção para ver sua singularidade, que então nos envolve, nos chama a responder. Aquilo que não é visto, que não é amado, não só não é respeitado, mas pode ser explorado porque dispensa de responsabilidade: o outro, o mundo, o corpo torna-se qualquer coisa, um elemento mais de uma categoria.

A intensidade da olhada ética é para Mistral o dom humano. Não é uma capacidade intelectual, mas uma atitude para a vida.

A distância ética, que vê cada coisa, uma por uma, é também um tempo, uma duração. A atenção faz de um instante um lugar, quando pedimos “tempo”, pedimos espaço. Dizemos que tinha havido algo, amor, amizade, quando algo tinha durado; mas não só do ponto de vista cronológico, mas também no sentido da duração como perseverança que suspende o tempo usual, o tempo do nascer para a morte.

As formas que ameaçam a atenção também são ameaças à capacidade de amar e, aliás, ao sentido da vida.

O ensaio de Mistral é de 1922 e nele já levantava o problema da olhada atenta. O materialismo monstruoso dos ricos, “sem sutileza espiritual”, escreveu, os deixa presos procurando maneiras de matar o spleen (o que hoje seria um tédio depressivo). Achava então, que essa atitude estava começando a ser imitada pelas outras classes sociais. A anestesia tornou-se cultura. 100 anos depois, a anestesia pode ser uma forma de ser. Podemos não sentir nada e não saber o que dizer sobre isso.

Tínhamos falado sobre distância social em pandemia, mas devemos nos preocupar pela distância psicológica. Aquela que é precisa para a proximidade. Embora as massas hoje não são as mesmas do século XX, é perfeitamente possível falar do individualismo de massa. É um modo de vida atomizado, cuja distância sobre as coisas fracassa. Se oscila entre a falta de atenção e indiferença e uma voracidade que leva ao pensamento de massa. Não é estranho, então, que o amor esteja em crise.

Ainda amor

Não estamos no tempo de Freud, embora às vezes no discurso público pareça que estão em disputa as mesmas coisas. A novidade freudiana veio dismantelar a hipocrisia da moral sentimental da vida vitoriana, foi, como se diz hoje, um ataque à moral heteropatriarcal, uma desconstrução do amor romântico e burguês.

A teoria do inconsciente revelava a autoridade obscura da pulsão, que, mascarada nas versões do amor, se satisfaz no outro. A verdade por trás do amor seria a repetição de fixações pulsionais desdobradas em outro, sempre intercambiável: *o mais intercambiável da pulsão é o objeto*. Essas ideias hoje não trazem muita novidade. Embora não é a partir da psicanálise que o amor se questiona, certamente, sem saber, se apoia nele.

O amor hoje é dismantelado, seja pelas verdades químicas das neurociências, seja pela análise política das relações de poder que o estruturam. Em todo caso, como diz Alexandra Kohan, temos encurralado o amor no lugar das paixões tristes. É praticamente impossível falar de amor sem se referir à farsa e ao crime.

Está bem, não existe o complemento. Isso não é mais novidade. Com Freud, o inconsciente do amor é repetição: o que é amado faz parte de si mesmo no outro. Para o feminismo, o complemento é uma invenção patriarcal para oprimir.

Mas, digam o que digam, o amor existe, o amor ainda insiste.

Podem dizer muitas coisas sobre o amor, mas sua verdade não é a de um conhecimento, mas que o amor existe precisamente porque há algo que não pode ser conhecido. Essa falha, a impossibilidade do conhecimento completo, da complementaridade das coisas, da impossibilidade do paraíso, é o que para Lacan - que pensa muito mais perto do nosso tempo - faz do inconsciente, não pura repetição, mas abertura. E ele diz: o amor é substituição.

O que se quer dizer é que onde as pulsões são caóticas e pouco eles importa o outro, ali onde o patriarcado, o machismo e as novas fórmulas amorosas têm geometrias determinadas, o amor pode fazer algo sem precedentes: suprir o impossível do encontro com o outro. Precisamente porque não há plenitude, nem paraíso, nos resta o amor. Nos arredores do paraíso o que importa é a proximidade, o abrigo e o amor.

O amor não compõe a distância irremediável entre um e o outro, mas permite uma nova experiência de mundo. Assim como a arte, que não cura nem evita a dor da consciência da morte, mas consegue suspender

o tempo cronológico, interrompe o tic tac e momentaneamente abrir as portas para *o tempo suspenso*. O amor tem a mesma qualidade. As vezes. Não poderia saber quando, mas quando acontece não temos maneira de saber que isso aconteceu.

É por isso que o amor, apesar de tudo, promete a eternidade, é para *sempre*, embora se saiba perfeitamente que não o é assim. É o dom de dizer: você é uma boa mergulhadora. Mentira em um registro, mas em outro, é a única verdade que importa para um sujeito. O amor é de alguma forma um encontro de *outro mundo*, mas que faz um mundo.

Essa é a alegria do encontro amoroso.

É uma proximidade psicológica capaz de superar - às vezes - o fetichismo sexual que só quer apenas uma parte do outro, assim como a erotomania, que é uma forma de desfrutar da pura demanda do amor. Mas não sem tudo isso, os amantes se amam inteiros e por partes, se exigem, fazem sexo com ou sem amor, se chupam, se cheiram, se mordem e se olham e falam e se distanciam para não morrer no outro; se distanciam também para renovar o desejo, se distanciam também para sempre.

Talvez o mais difícil seja a ruptura, suportar sem voltar ao narcisismo que então supõe que o outro é possessão. Se foi a abertura à alteridade que inventou o amor, suportar até a despedida é o desafio.

O dois nunca fará um, tal é o impulso do narcisismo, da violência, e também a indiferença dos discursos que pretendem ficar em si mesmo. Porém, Um se pode quebrar o Dois, logo nasce um mundo. Para Arendt, o mas próprio do ser humano é a possibilidade de começar algo novo. Quando era acusado de não amar o povo judeu, ele respondeu: Claro! Eu não amo o povo judeu, nem o povo americano, nem qualquer povo, eu não amo a mim mesma, ela disse. Essas formas de amor são puro anseio, anseio perigoso, do paraíso, aspiração ao Um.

O amor não precisa de emblemas, mas de uma invenção única. Lá fora, sempre fora do paraíso é que há um chamado para responder de uma forma única.

Não existe o amor, mas cada amor.

O amor, quando não é moral, tem uma dimensão de risco. É o que talvez, segundo Massimo Recalcati, deva levar a psicanálise de nossos dias. Não defender as formas resignadas de vida burguesa, mas nem o desencanto e a liberdade que não compromete, o amor sem risco, que faz bem à vida capitalista.

O amor é o campo da diferença e não da identidade. Ou pelo menos a tensão entre as duas, não é algo pacífico, mas é da ordem do Dois; o que não é o mesmo que dizer casal ou duas pessoas. Dois é o nome do que interrompe a unidade; O Um pode ser um slogan, uma orgia, um exército, uma única pessoa, mas também um parceiro com mais violência ou tédio do que amor. Dois inventa um mundo, não confirma o próprio.

E isso é muito político, o que não é o mesmo que dizer que tudo o que diz respeito ao amor deve ser politizado: o Dois é uma resistência mínima ao pensamento de massa.